

Departamento de Filosofia da PUC-Rio
Minicurso: de 14 setembro a 12 de outubro de 2020
Horário: 17 às 19 horas
Inscrições - <https://forms.gle/zJqqBha9MNTToUBdf7>

“A consagração do instante”: Nietzsche, Benjamin e Foucault.

Profa. Katia Muricy

Michel Foucault chama de “a idade da história” o aparecimento, no século XIX, de um modo de pensar constituído pela hegemonia de questões referentes à dimensão temporal da experiência. O discurso filosófico passa a ser uma reflexão sobre o tempo, nas análises reiteradas sobre a origem, o processo, a memória - que se desdobram na problematização incessante das relações da tradição com o atual e o contemporâneo. Três filósofos serão objeto do curso - Nietzsche, Benjamin e Foucault. Eles constituem, em suas concepções do tempo e da história, a contrapartida crítica dessa tradição inaugurada por Kant e cujo ápice é o pensamento de Hegel.

Serão cinco aulas, às segundas-feiras, das 17 às 19h, a partir de 14 de setembro.

1ª aula: Análise da matriz que funda, no final do século XVIII, a tradição da Filosofia da História e do questionamento da atualidade: Kant, em “Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita” e em “Que é Aufklärung?”. Hegel e a ideia de origem e de processo dialético: Prefácio da “Fenomenologia do Espírito”.

2ª e 3ª aulas: O modelo de crítica estética à historiografia, em Nietzsche: “Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida”. A novidade de “Genealogia da Moral”. Michel Foucault, leitor de Nietzsche: o “método” genealógico de pesquisa histórica e suas implicações filosóficas.

4ª e 5ª aulas: Para além da razão iluminista: o conceito de tempo e de história em Walter Benjamin. Uma teoria literária da memória: Proust e Baudelaire. Crítica à compreensão de experiência da filosofia moderna e à concepção evolucionista e totalizante da “história universal”. Afinidades e diferenças em relação à crítica estética de Nietzsche.

Um Iluminismo sombrio: a teoria da melancolia no barroco e a alegoria do anjo da história. História como catástrofe. A alegoria como destruição do contexto orgânico de uma concepção continuísta do tempo: Baudelaire e a crítica da modernidade. Os limites da leitura de Baudelaire feita por Michel Foucault. Rememoração: História como permanência do “estado de exceção”.

Destina-se, preferencialmente, a alunos de pós-graduação, em Filosofia, História e Letras, sem que seja excluída a participação, mais excepcional, de alunos da graduação e também de outros cursos.